

# Espaços urbanos e espaços rurais: um xadrez em dois tabuleiros

## 1. INTRODUÇÃO: O «PADRÃO DE PEDRO ÁLVARES CABRAL» NA PESQUISA SOCIOLÓGICA

Por vezes, a pesquisa empírica em sociologia traz surpresas. Surgem factos inesperados que, pela sua importância e significado estratégico, são mesmo capazes de reorientar o sentido da investigação e incentivar uma reformulação de hipóteses e teorias. A isto chamou Robert Merton o «padrão de serendipidade» (*serendipity*).

Num texto acerca da influência da pesquisa empírica sobre a teoria sociológica diz Merton que a «pesquisa empírica frutífera não somente comprova hipóteses teoricamente derivadas, como também dá origem a hipóteses novas. Isto pode ser chamado o elemento de 'serendipidade' da investigação, ou seja, a descoberta, por casualidade ou por sagacidade, de resultados válidos que não eram procurados»<sup>1</sup>.

Especifica Merton que o padrão de serendipidade «se refere à experiência bastante comum da observação dum dado *imprevisto, anómalo e estratégico*, que se transforma em causa para o desenvolvimento de nova teoria ou para a ampliação de uma teoria já existente»<sup>2</sup>, ou ainda que origina uma pressão sobre o investigador «para que dê novo rumo à pesquisa, a fim de ampliar a teoria»<sup>3</sup>.

Sendo este tipo de situação de pesquisa suficientemente importante para merecer uma designação própria, proponho substituir, em português, a alusão ao conto de fadas dos «três príncipes de Serendip»<sup>4</sup> pelo por nós muito mais imediatamente referenciável «padrão de Pedro Álvares Cabral», personagem que, como se sabe desde os bancos da escola, tendo levantado ferro com o objectivo de atingir a Índia, acabou por inesperadamente fazer, em 1500 d. C., a descoberta do Brasil, de profundas implicações subseqüentes<sup>5</sup>.

\* Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

<sup>1</sup> Robert K. Merton, *Sociologia — Teoria e Estrutura*, São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970, (edição original, 1949, 1968), pp. 172-173.

<sup>2</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 173.

<sup>3</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 174.

<sup>4</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 173.

<sup>5</sup> Na minha opinião, é um excelente procedimento este de dar designações alusivas a importantes e tipificados mecanismos processuais de pesquisa científica ou processos sociais substantivos. É o caso do «teorema de Thomas», das «profecias auto-induzidas» (ou «efeito de Pigmalão») ou do «efeito de Mateus», cunhados pelo mesmo Robert Merton, ou do «efeito de D. Quixote», proposto por Pierre Bourdieu, ou ainda dos «efeitos perversos da acção social», de Raymond Boudon. Claro que a serendipidade poderia ser também designada por «padrão de Colombo», não fosse este último figurar já suficientemente na terminologia da descoberta com o seu famoso «ovo».

Os elementos empíricos e as reflexões teóricas que aqui procuro brevemente enumerar, como contributo para a análise das transformações recentes na composição social da população portuguesa, surgiram em grande parte dum «padrão de Pedro Álvares Cabral». Expô-los-ei segundo as três características da descoberta deste padrão, apontadas por Merton: descoberta imprevista, anómala e estratégica.

## 2. A OBSERVAÇÃO IMPREVISTA: UMA POPULAÇÃO MIGRANTE

O dado é, antes de mais nada, imprevisto. Uma pesquisa destinada a testar uma hipótese faz nascer um subproduto fortuito, uma observação inesperada que influi em teorias que não se haviam tomado em conta no início da investigação<sup>6</sup>.

Há quase cinco anos comecei uma pesquisa em Alfama<sup>7</sup>. O objectivo inicial era o estudo do fado amador, o *fado vadio*, num dos bairros populares e históricos da velha Lisboa, contexto social a que a emergência e a reprodução desse fado são normalmente associadas. A hipótese de trabalho inicial era a de que seria particularmente proveitoso estudar essa forma cultural, procurando compreendê-la integrada no conjunto dos actos quotidianos, das vivências, das representações e práticas culturais, do imaginário partilhado por uma população bem definida, em relação à qual fosse também possível estudar a inserção ecológico-urbanística, as características demográficas, profissionais e económicas, as classes sociais, os fenómenos de poder, a dinâmica histórica.

A análise do fado, enquanto objecto central, foi provisoriamente terminada. Mas, entretanto, devido em parte à natureza da abordagem já iniciada, comecei uma outra fase da pesquisa, que se propõe agora, declaradamente, proceder ao levantamento sistemático do contexto sociocultural local e dos processos sociais de reprodução e mudança que o atravessam. Alguns dos eixos organizadores desta investigação consistem no estudo da constelação de formas e práticas culturais do bairro, relacionando-a com o tecido de relações sociais ali existente e com os processos que o animam; consistem, em particular, na exploração da hipótese da produção continuada em Alfama, em circunstâncias históricas mutáveis, de formas de cultura popular urbana; e ainda a hipótese de que, neste bairro, possuidor de estruturas específicas de desigualdade social, hierarquia e dominação, se manifestam mecanismos de produção de identidade cultural, quer aqueles mecanismos que se originam a partir do exterior, quer os que estão enraizados na rede social local, em modalidades múltiplas de articulação recíproca.

Num enquadramento muito sumário, pode referir-se que em Alfama existe, por um lado, um quadro sociecológico com marcada especificidade.

---

<sup>6</sup> Robert K. Merton, *op. cit.*, pp. 173-174.

<sup>7</sup> É uma pesquisa que tenho vindo a realizar com Maria das Dores Guerreiro. Alguns dos dados sociográficos e etnográficos e das análises que aqui refiro retomam os apresentados nos seguintes textos: António Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro, *O Trágico e o Contraste — O Fado no Bairro de Alfama*, Lisboa, D. Quixote, 1984; António Firmino da Costa, «Entre o cais e o castelo: identidade cultural num tecido social inegalitário», in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 14, Coimbra, 1984; António Firmino da Costa, «Alfama: entreposto de mobilidade social», in *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 2, Porto, 1984.

A malha urbana materializa-se num traçado irregular de becos, vielas e escadinhas, situado na encosta que desce do Castelo até ao Tejo. As casas são velhas, baixas e pobres. Espalhados pelo bairro, encontram-se, em elevado número, edifícios nobres e antigas mansões burguesas. É um espaço extremamente fechado sobre si próprio, sem ruas largas e direitas que o atravessassem. Entra-se no bairro como num mundo à parte, defendido do movimento da cidade que o envolve.

A este carácter de fecho sobrepõem-se a densidade, a intensidade e a repetição das interacções quotidianas dos seus habitantes. A rua é intensamente utilizada. Ali se encontram as vizinhas, brincam os miúdos, conversam os homens. À noite, em certos locais, o convívio é intenso, sobretudo no tempo mais quente: fala-se, dança-se, ouve-se um fado.

O núcleo de Alfama é composto pelas freguesias de São Miguel e Santo Estêvão, em torno das igrejas do mesmo nome, situadas a meio da encosta. Entre as duas freguesias há diversas manifestações de rivalidade. Outras unidades menores envolvem como elementos constitutivos uma colectividade, uma taberna e uma mercearia-leitaria, dispostos em torno dum outro elemento, um segmento de rua, na forma de viela ou escadinha, pátio, largo ou esquina. São espaços de sociabilidade com frequências em parte diferenciadas e concorrenciais, pontuadas por diferentes ritmos diários.

Um pólo central, organizador das relações e das práticas sociais do bairro, é o porto e as actividades conexas. Grande parte dos habitantes de Alfama são estivadores, conferentes, empregados das agências de navegação, dos despachantes, da Alfândega. Um bom número vive das tascas, casas de pasto, restaurantes, comércios diversos e actividades mais ou menos marginais, relacionadas com o movimento portuário. Uns e outros cruzam-se, neste labirinto urbano e social, com as varinas vendedeiras de peixe da Rua de São Pedro, bem como com os que estão ligados ao turismo (lojas de «artesanato», «restaurantes típicos», «casas de fado») e aos bandos de intimidação-protecção, redes de contrabando e gatunos variados.

A sobreposição entre local de trabalho, zona de residência e espaço de sociabilidade é pois um facto para uma importante fracção dos habitantes de Alfama, o que lhe acentua o carácter de fecho, densificação, justaposição, articulação e integração de diversos tipos e níveis de relações sociais. Alguns outros moradores do bairro são operários industriais. Mas a maioria trabalha no funcionalismo camarário e estatal, nos escritórios, comércio e serviços da cidade.

O tecido social denso e circunscrito que assim se forma é cimentado e expresso por um feixe articulado de práticas culturais de que fazem parte as festas (particularmente as dos santos populares), o fado amador, as formas míticas do imaginário local, os códigos de comunicação e de reconhecimento recíproco, as posturas, os protocolos e as astúcias da maneira de ser «lisboeta popular», os mecanismos de camuflagem perante o exterior e a representação simbólica da identidade colectiva.

Este sistema de práticas sociais e, em particular, estas formas de produção e manifestação duma marcada identidade cultural alfamista não correspondem linearmente a uma textura social homogénea. Pelo contrário, existe ali uma estrutura social inigualitária específica, uma simbiose clientelista e conflitual entre ricos e pobres, poderosos e dominados, *élites* e plebe, em prolongada, embora historicamente mutável, coexistência.

É em pleno percurso de levantamento e análise destas características socioculturais do bairro de Alfama que surge o dado imprevisto. Está-se no

centro histórico da cidade de Lisboa. Estudam-se formas, das mais características, duma cultura popular urbana. E, sem que múltiplos contactos até então efectuados no decurso do trabalho de terreno nem uma diversificada gama de informações nesse momento já inventariadas o tivessem feito suspeitar, descobre-se, de repente, que uma grande parte dos residentes de Alfama são migrantes rurais.

Através das fichas do recenseamento eleitoral das freguesias de Santo Estêvão e São Miguel foi possível chegar aos seguintes números:

**Origem geográfica dos residentes das freguesias de Santo Estêvão e São Miguel, nelas recenseados eleitoralmente em 1983**

(QUADRO N.º 1)

Origem	Destino					
	Freguesia de Santo Estêvão		Freguesia de São Miguel		Total de «Alfama»	
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem
Concelho de Lisboa .....	1 774	43,7	1 673	49,4	3 447	46,3
Resto do continente .....	2 196	54,1	1 646	48,6	3 842	51,6
Outros .....	87	2,1	68	2,0	155	2,1
<b>Total .....</b>	<b>4 057</b>	<b>99,9</b>	<b>3 387</b>	<b>100,0</b>	<b>7 444</b>	<b>100,0</b>

Foi este um primeiro imprevisto a inserir-se abruptamente na sequência da pesquisa: *mais de 50% da população recenseada eleitoralmente em Alfama nasceu fora do concelho de Lisboa.*

Podemos acrescentar-se que o fenómeno não é só de agora. A migração para Alfama existe, pelo menos, desde o início deste século<sup>8</sup>. Além disso, e ainda que sem quantificação rigorosa, as informações recolhidas no contacto prolongado com as gentes de Alfama levam a crer que, dos naturais de Lisboa, cerca de metade terão pais originários doutras regiões. Ou seja, *cerca de três quartos da população do bairro provêm de famílias de recente extracção rural.*

Encadeado com este surge um segundo imprevisto. É o de que os pontos de partida dos fluxos migratórios que desembocam em Alfama não se distribuem de forma aleatória pelo território nacional. Pelo contrário, *essas regiões de origem são fortemente concentradas geograficamente.* De acordo com os mesmos dados obtidos a partir do recenseamento eleitoral, verifica-se que, dos 265 concelhos do continente, 29 apenas fornecem mais de metade (52,1%) dos migrantes eleitoralmente recenseados. Mais ainda, como se pode ver no quadro n.º 2, 7 concelhos contribuem com quase 30% do total destes migrantes.

Os mapas A e B ajudam a visualizar a concentração espacial dos concelhos de partida dos fluxos migratórios para Alfama e respectiva localização geográfica.

<sup>8</sup> Pode pôr-se a hipótese de ser mesmo muito anterior.

Os valores apresentados, se pecam, é por defeito. Isto, entre outras coisas, porque há uma fracção significativa de moradores de Alfama que não estão ali recenseados eleitoralmente, mas sim nas regiões rurais de partida. O que é apenas um dos múltiplos aspectos dum terceiro facto imprevisto, encadeado com os outros dois, que descobri no curso da pesquisa: o de que grande parte destes migrantes não cortam definitivamente os laços com o mundo rural, antes *mantém relações mais ou menos estreitas com a terra de origem, em modalidades variadas e com uma diversidade de significativas implicações.*

**Concelhos com maior contributo de migrantes para as freguesias de Santo Estêvão e São Miguel e para o total de «Alfama», ali recenseados eleitoralmente em 1983 (frequências absolutas, relativas e relativas acumuladas)**

(QUADRO N.º 2)

Origem (concelhos)	Destino						
	Freguesia de Santo Estêvão		Freguesia de São Miguel		Total de «Alfama»		
	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	Número	Porcentagem	Porcentagem acumulada
Pampilhosa da Serra	331	15,1	67	4,1	398	10,4	10,4
Góis .....	122	5,6	94	5,7	216	5,6	16,0
Ovar .....	36	1,6	76	4,6	112	2,9	18,9
Lousã .....	30	1,4	81	4,9	111	2,9	21,8
Abrantes .....	55	2,5	51	3,1	106	2,8	24,6
Castanheira de Pera	26	1,2	67	4,1	93	2,4	27,0
Figueiró dos Vinhos	25	1,1	62	3,8	87	2,3	29,3
Total .....	625	28,5	498	30,3	1 123	29,3	

Darei adiante mais algumas indicações sobre este último aspecto. O que queria aqui realçar é que o facto imprevisto (esta sequência de observações inesperadas) teve como efeito reorientar parcialmente o rumo da pesquisa e conduziu a que um objecto de estudo inicialmente concebido como estritamente urbano passasse a ter de ser equacionado de forma a englobar também espaços rurais e as articulações entre o urbano e o rural.

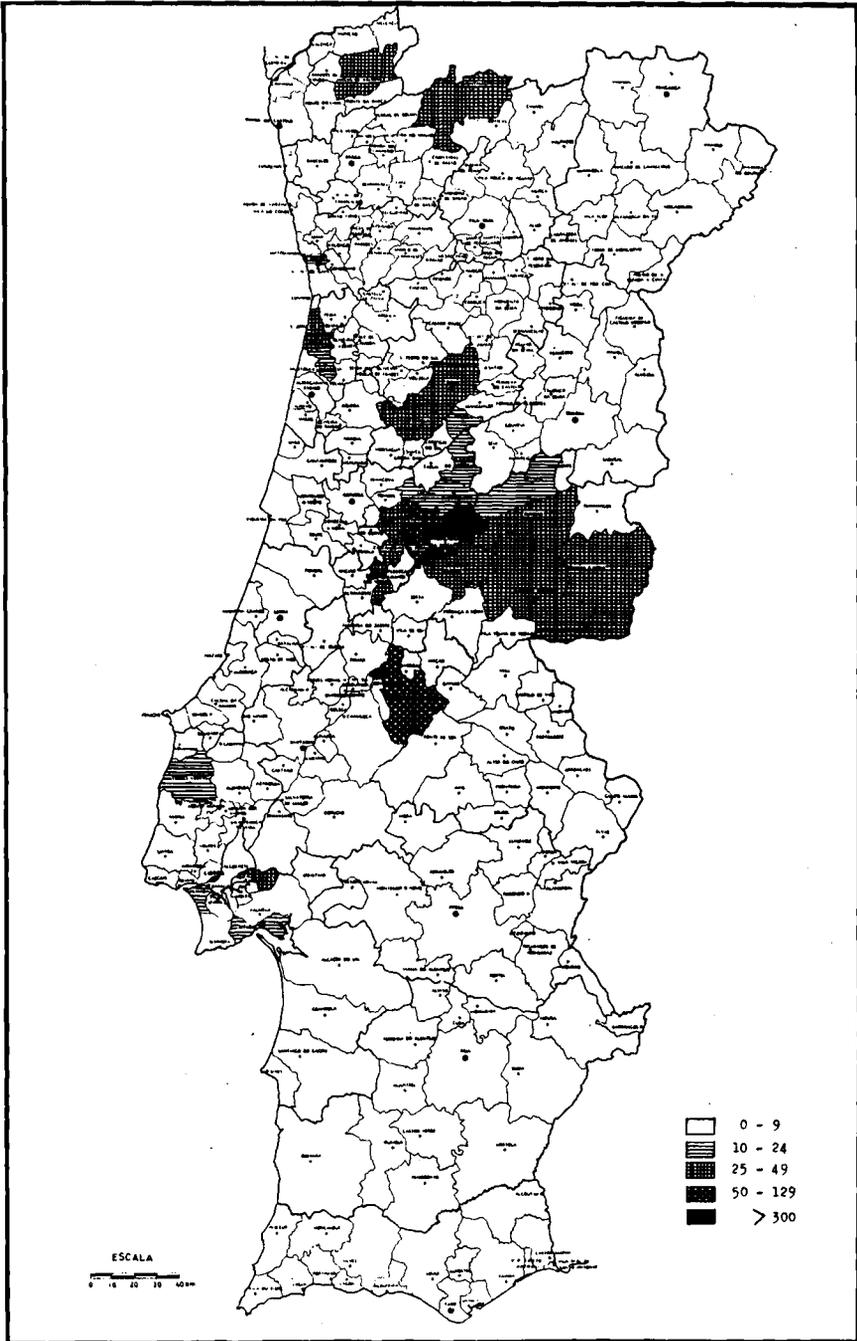
**3. O DADO ANÓMALO: MIGRAÇÕES EM CADEIA PARA UMA PLATAFORMA DE RECONVERSÃO SOCIAL**

Em segundo lugar, a observação é anómala, surpreendente, porque parece contrastar com a teoria dominante ou com outros factos já estabelecidos. Em ambos os casos, a incongruência aparente provoca curiosidade: estimula o investigador a «dar sentido ao dado», a situá-lo numa estrutura mais ampla de conhecimento. O pesquisador continua nas suas explorações. Extrai inferências das observações, inferências que, naturalmente, muito dependem da sua orientação teórica geral. Quanto mais se embebe nos dados, maior é a probabilidade de encontrar uma direcção frutífera para a investigação<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> Robert K. Merton, *op. cit.*, p. 174.

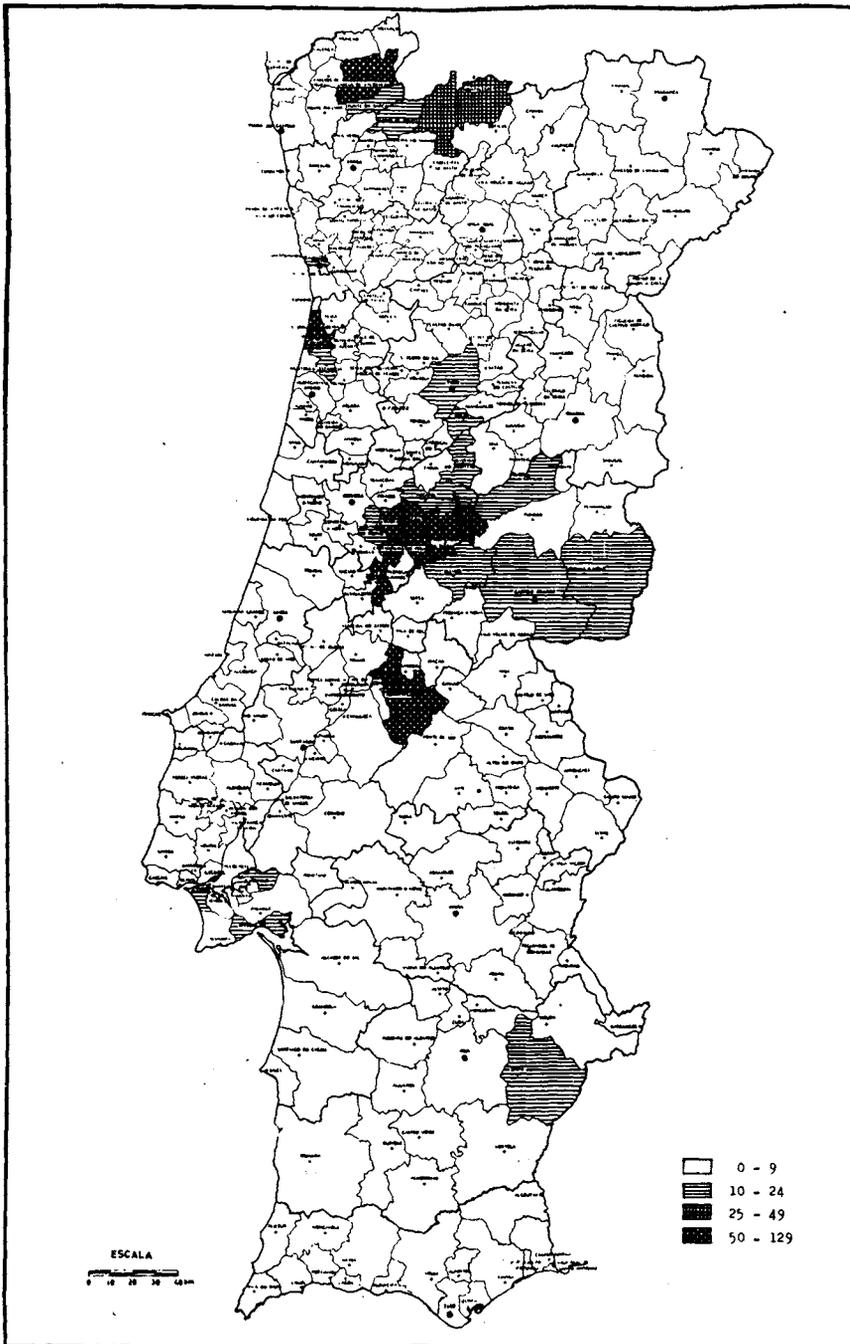
Concelhos de origem dos migrantes para a freguesia de Santo Estêvão  
nela recenseados eleitoralmente em 1983

(MAPA A)



**Concelhos de origem dos migrantes para a freguesia de São Miguel  
nela recenseados eleitoralmente em 1983**

(MAPA B)



A detecção, no actual quadro sociocultural de Alfama, deste fenómeno migratório vinha pôr em causa algumas ideias correntes a propósito da formação social portuguesa e questionar um bom número de proposições sociológicas teóricas (de diferentes graus de generalidade).

Em primeiro lugar, vinha questionar directamente toda a noção de que as formas da cultura popular urbana lisboeta, alegadamente a exemplo doutras situações urbanas semelhantes, seriam o produto de linhagens milenares duma população sujeita, pelos modernos processos sociais do capitalismo industrial, a um cerco progressivamente mais apertado num último reduto de bairros históricos da cidade. Ou seja, tratar-se-ia duma «sobrevivência» cultural em vias de extinção, sobrevivência essa vagamente explicada pela propagação de geração em geração, através duma população supostamente fixa (quando não mesmo etnicamente demarcada), de práticas e produtos culturais «típicos».

Seria talvez excessivo concentrar esforços na demolição duma tese tão inconsistente, não fosse o facto de ela ser ainda largamente dominante, de forma explícita tanto no discurso corrente como na olisipografia erudita e de forma pelo menos implícita nas análises da formação social portuguesa que, ao verem-se confrontadas, dum ou doutro modo, com estas formas culturais, não fornecem uma teoria interpretativa alternativa<sup>10</sup>.

Em segundo lugar, este caso de Alfama vinha também questionar, na sua validade genérica e exclusiva, algumas ideias correntes sobre as migrações das regiões rurais para Lisboa. Enumerando-as sucintamente:

- a) As migrações ter-se-iam dado caracterizadamente para «bairros de lata», bem como para «zonas-dormitórios» e «bairros clandestinos», das periferias da cidade e da área metropolitana;
- b) A migração rural-urbana seria um processo que romperia com laços sociais tradicionais, dispersando os migrantes na atomização e impessoalidade da vida urbana e dispersando-os aleatoriamente pela área global de recepção;
- c) Na mesma ordem de ideias, as relações quer com a região de origem, quer com os familiares, tenderiam a desfazer-se irreversivelmente;
- d) A mobilidade profissional-padrão seria a que reconverte camponeses e assalariados agrícolas em operários industriais desqualificados, particularmente, pelo menos num primeiro momento, da construção civil.

Entendamo-nos: não estou a dizer que alguns destes fenómenos não se passam, em maior ou menor escala. O que pretendo é chamar a atenção para o facto de nenhum deles ser dominante no caso da migração rural-urbana que desemboca em Alfama. O que leva, no mínimo, a relativizar a generalidade daquelas proposições e, em certos aspectos, a reformulá-las.

---

<sup>10</sup> Discuti um pouco este assunto, com a apresentação de algumas propostas de conceitos e de interpretações teóricas, no artigo «Alfama: entreposto de mobilidade social», in *op. cit.* A tentativa de explicação que aí se dá para o facto de grande parte dos protagonistas destas formas de cultura popular urbana serem migrantes rurais é conceptualizada em termos da articulação que em Alfama se gera entre os sistemas de disposições incorporadas (os *habitus*) dos habitantes do bairro e as características específicas dos quadros de interacção que ali se configuram.

Um processo social para o qual a observação destes dados aparentemente anómalos detectados em Alfama me chamou a atenção, levando-me a investigá-lo, foi o da *migração em cadeia*.

A mera observação dos quadros e mapas anteriores, referentes à origem geográfica dos migrantes, já o evidencia claramente. As relações de interconhecimento, nos locais de origem e na área de destino, são decisivas nestes fluxos migratórios. São relações de parentesco e de conterraneidade, de amizade, de vizinhança e de patrocínio que presidem continuamente ao desenrolar de complexas estratégias de mobilidade geográfica e, mais latamente, de reprodução e reconversão social; desde a elaboração do projecto migratório inicial até aos mecanismos de inserção nas relações sociais urbanas e de acesso aos respectivos recursos.

É através destas redes de relações que os migrantes arranjam alojamento em Alfama. Isto tem sido conseguido pela transmissão de informações quanto a casas disponíveis para aluguer e, mais frequentemente, pela instalação provisória em compartimentos ou partês de compartimentos das casas dos familiares e conterrâneos, formas várias de subaluguer e «casas de malta». São situações que os protagonistas definem como provisórias, mas que às vezes se prolongam por décadas. Noutros casos, o migrante consegue, à medida que se vai relacionando com o meio urbano, ter acesso a alojamento próprio, no bairro ou fora dele. Noutros casos ainda, é o primeiro migrante que se muda, ou porque, num processo de mobilidade espacial e social em duas etapas, tem agora condições para se instalar numa outra zona da área metropolitana (de urbanização mais recente e num alojamento mais desafogado), ou porque regressa, reformado ou não, à terra de origem, deixando a casa em Alfama aos familiares que entretanto lá se tinham instalado.

É também através destas relações que se arranjam empregos, ocupações e, em geral, acesso, pelas mais variadas formas, a recursos económicos. É em grande parte através destas redes informais que funcionam os mecanismos complicados do recrutamento e do relativo sucesso na estiva e no conjunto das actividades ligadas ao tráfego portuário. O mesmo acontece com as actividades comerciais, com o artesanato e a produção no domicílio e com as actividades ilícitas. E é ainda o que acontece com a grande fracção dos que se encaixam nas mais variadas áreas do pequeno funcionalismo estatal e municipal e nos sectores menos qualificados dos serviços.

Em muitos casos é possível encontrar quer uma autêntica «especialização» das profissões por regiões de origem (ao nível de concelho ou mesmo de aldeia), quer uma frequente sobreposição das redes primárias (de vizinhança, amizade, parentesco, conterraneidade, patrocínio) com as empresas ou organismos em que se consegue emprego.

A migração em cadeia não se verifica certamente só para Alfama, embora a falta de estudos sobre as zonas de especialização de origem e destino, grau de concentração geográfica, implicações sobre as trajectórias sociais envolvidas e sobre as várias dimensões das estratégias e das redes de inserção social dos migrantes internos em Portugal não permita ainda traçar minimamente os contornos do fenómeno para o conjunto da sociedade portuguesa. De momento posso apenas acrescentar que estou a trabalhar sobre outros casos de «especialização» na origem geográfica tanto nos habitantes de alguns bairros da cidade e da área metropolitana de Lisboa, como em determinadas actividades profissionais e empresas. As primeiras indicações sugerem uma grande amplitude e um importante

significado social do processo, mas é ainda cedo para apresentar dados concretos.

É possível, no entanto, referir ainda que a migração em cadeia (*chain migration*) é um elemento evidenciado como central em diversas análises dos processos migratórios que ocorrem nas sociedades contemporâneas da Europa mediterrânica. É um fenómeno bem estabelecido e de grande importância para a Espanha<sup>11</sup>, para a Itália<sup>12</sup>, para a Jugoslávia<sup>13</sup> e para a Grécia<sup>14</sup>. Também se encontra com implicações semelhantes noutras áreas, por exemplo no Brasil<sup>15</sup>.

Um outro aspecto trazido pela descoberta do dado anómalo é o da especificidade de Alfama enquanto «entrepasto» de reconversão social dos migrantes, plataforma giratória nas trajetórias (frequentemente em duas etapas) de mobilidade geográfica, profissional, cultural e social. Do ponto de vista dos componentes do custo de produção da força de trabalho e dos processos que historicamente a constituem, pode dizer-se que a força de trabalho operária e empregada tem vindo a ser produzida em grande parte, nas dimensões biológica, da socialização primária e dum conjunto de saberes práticos, nos campos portugueses. Numa segunda fase, neste caso específico, a reconversão dessa mão-de-obra é conseguida em Alfama, que contribui para a produção de força de trabalho mais qualificada e preparada para ser consumida nos serviços e escritórios, lojas, armazéns e oficinas da metrópole lisboeta.

Alfama pode cumprir, no plano funcional, este papel, devido às suas características específicas. Por um lado alberga, como se viu, um conjunto de actividades e modos de vida que não exigem grandes qualificações profissionais prévias. Por outro lado, integra-se, espacial e socialmente, no próprio núcleo da metrópole capitalista moderna, a dois passos dos empregos, dos bairros-dormitórios, das práticas sociais, das instituições, das mentalidades, das formas culturais urbanas, que constituem o mundo de promessas de sobrevivência económica e de ascensão social que, mais ou menos explicitamente, incorporam as imagens de referência que desencadeiam e acompanham o movimento migratório. Por último, a integração dos migrantes estivadores e funcionários no denso tecido social local e nas redes de relações económicas e de dominação e a procura de sobrevivência e de sucesso nas várias situações do quotidiano do bairro induzem ao reforço da quantidade e diversidade de laços sociais no meio urbano, em diferentes modalidades, e à rápida aquisição dos saberes, dos reportórios e dos códigos culturais locais, ou seja, a incorporar e a dominar uma forma de

---

<sup>11</sup> Hans Buechler, «Spanish Urbanization from a Grass-roots Perspective», in Michael Kenny e David Kertzer (eds.), *Urban Life in Mediterranean Europe: Anthropological Perspectives*, Urbana, Chicago, Londres, University of Illinois Press, 1983.

<sup>12</sup> William A. Douglass, «Migration in Italy», in Michael Kenny e David Kertzer (eds.), *op. cit.*

<sup>13</sup> Andrei Simić, «Urbanization and Modernization in Yugoslavia: Adaptive and Maladaptive Aspects of Traditional Culture», in Michael Kenny e David Kertzer (eds.), *op. cit.*

<sup>14</sup> Susan Buck Sutton, «Rural-Urban Migration in Greece», in Michael Kenny e David Kertzer (eds.), *op. cit.*

<sup>15</sup> Anthony Leeds e Elizabeth Leeds, *A Sociologia do Brasil Urbano*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978 (edição original, 1977); Manoel Tosta Berlinck e Daniel J. Hogan, «Adaptação da população e 'cultura da pobreza' na cidade de S. Paulo: marginalidade social ou relações de classes?», in Ruth Cardoso (org.), *Cidade — Usos & Abusos*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1978; Geert A. Banck, «Estratégias de sobrevivência de famílias de baixa renda no Brasil. Um estudo de caso», in Gilberto Velho (coord.), *O Desafio da Cidade — Novas Perspectivas da Antropologia Brasileira*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980.

cultura popular urbana particularmente dotada de mecanismos de relacionamento com uma série de meandros da vida cidadina.

#### 4. A DESCOBERTA ESTRATÉGICA: UM XADREZ EM DOIS TABULEIROS NO ESPAÇO URBANO-RURAL

Em terceiro lugar, ao notarmos que o facto inesperado deve ser estratégico, isto é, deve permitir implicações que influam sobre a teoria generalizada, referimo-nos, é claro, mais ao que o observador põe no dado do que ao dado em si, pois é evidente que se requer um observador teoricamente sensibilizado ao descobrimento do universal no particular<sup>16</sup>.

Em Portugal, muitas vezes a história escreve-se no espaço, medem-se os tempos em termos de deslocações. Alguns dos processos sociais mais decisivos por que tem passado a sociedade portuguesa, impliquem eles mudança ou estagnação, corporizam-se em importantes movimentos geográficos das populações, das fundadoras conquistas e reconquistas às viagens marítimas, à colonização, aos êxodos rurais, aos processos de litorização e concentração urbana, à emigração, aos retornos do Brasil, de África e da Europa.

Esta dimensão migratória de muitos processos sociais que atravessaram e atravessam a formação social portuguesa levam à necessidade de enquadrar a análise de algum em particular desses processos, enquanto objecto temporal e territorialmente circunscrito, num leque mais lato de conhecimento de «elementos sobre a evolução temporal da população portuguesa e o processo da sua diversa distribuição no território»<sup>17</sup>. É o que faz João Ferreira de Almeida no seu estudo (donde retirámos a citação anterior) sobre as classes sociais numa região do Noroeste, onde um processo central é constituído por um tipo particular de movimento migratório: a pendularidade quotidiana entre residência no espaço rural e emprego na área urbana do Porto.

Partindo da sistematização feita nesse trabalho<sup>18</sup>, vou retomar aqui apenas o quadro (quadro n.º 3) nele apresentado com a evolução da distribuição demográfica por sub-regiões do continente. Acrescento os valores respeitantes a 1981<sup>19</sup>.

Como se vê pelo quadro n.º 3, os processos de litorização e de concentração da população na área urbano-industrial de Lisboa e Setúbal continuam a acentuar-se na década de 70. É este o quadro geral.

O fluxo migratório específico que, dos concelhos de Ovar e de Abrantes e, pelo menos nos últimos cinquenta anos, sobretudo da região da cordilheira Central, desagua em Alfama representa, como se verificou atrás, uma modalidade específica em que tais processos globais se realizam, através da migração em cadeia e utilizando as características do bairro que lhe

---

<sup>16</sup> Robert K. Merton, *op. cit.*, p. 174.

<sup>17</sup> João Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos Campos — Camponeses Parciais numa Região do Noroeste*, dissertação de doutoramento, ISCTE, Lisboa, 1982, vol. I, pp. 153-154.

<sup>18</sup> *Id.*, *ibid.*, pp. 151-201.

<sup>19</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 259. Os valores referentes a 1981 foram retirados do *XII Recenseamento Geral da População* (1981), INE.

## Evolução da distribuição geográfica da população

(QUADRO N.º 3)

		População				Percentagem				Densidade (habitantes por quilómetro quadrado)					
		1535	1864	1970	1981	1535	1864	1970	1981	1535	1864	1970	1981		
Norte	Litoral	Viana do Castelo .....		338 774	915 430	2 183 162	2 528 025	23,3	23,9	26,9	27,4	47,6	182,6	306,6	355,1
		Braga .....													
	Interior	Vila Real .....		108 059	372 198	447 621	448 633	7,4	9,7	5,5	4,9	10,0	34,5	40,9	41,6
		Bragança .....													
Centro	Litoral	Aveiro .....		124 640	681 510	1 328 933	1 479 541	8,5	17,8	16,3	16,0	12,3	67,0	130,7	145,5
		Coimbra .....													
	Interior	Viseu .....		184 836	723 462	880 107	823 509	12,7	18,9	10,9	9,4	10,7	42,0	50,8	50,2
		Guarda .....													
Lisboa	Litoral	Lisboa .....		229 473	438 464	2 052 553	2 727 793	15,7	11,4	25,3	29,6	29,1	55,6	260,2	345,9
		Setúbal .....													
	Interior	Santarém .....		109 873	196 617	430 386	454 123	7,6	5,2	5,3	4,9	16,2	29,0	64,3	67,1
Sul	Litoral	Faro .....		76 552	172 660	268 957	323 534	5,3	4,5	3,3	3,5	15,1	34,0	53,0	63,8
	Interior	Portalegre .....		284 461	329 277	531 591	399 229	19,5	8,6	6,5	4,3	12,0	13,0	22,1	16,8
	Évora .....		Beja .....												

permitem funcionar como espaço de «distribuição antroponómica»<sup>20</sup> ou «entrepósito de mobilidade social».

Não menos interessante é o facto de estes migrantes manterem em muitos casos relações estreitas com as terras de origem, em versões variadas e com diferentes intensidades. São ligações que frequentemente se prolongam de geração em geração, e de tal modo que as cadeias migratórias, assentes em relações de parentesco e conterraneidade, adquirem ainda maior espessura e complexidade do que se poderia esperar de fenómenos de migração em cadeia meramente «unidireccional».

Perante a estrutura social particular de Alfama, as redes de relações sociais, as formas de dominação próprias e o conjunto integrado e específico de práticas culturais que ali se articulam, os migrantes rurais são protagonistas de dois tipos de estratégia. Ou a duma integração rápida nas formas de sociabilidade e nos códigos de comunicação próprios do bairro, apresentando a curto trecho o tipo acabado da personalidade e das maneiras de agir «populares lisboetas». Ou uma estratégia de isolamento, feita dum quotidiano de trabalho árduo, dum importante esforço de poupança e duma permanente referência cultural explícita à região de origem. Estes últimos vivem polarizados em associações regionais, como a Casa do Concelho de Pampilhosa da Serra, instalada em Alfama. São financiadores e promotores das «comissões de melhoramentos» das suas terras natais e «mordomos» das festas, que se realizam agora sistematicamente em Agosto e Setembro. As mulheres, domésticas, refugiam-se em casa e reagem com pouco à-vontade ao contacto com alguém de fora, em contraposição à desenvoltura característica daquelas que lidam integradamente com a multiplicidade das relações e práticas sociais do quotidiano do bairro.

A propósito destes dois tipos (no sentido weberiano) de estratégia há várias coisas a dizer. A primeira é que raramente existem no estado puro. É verdade que, a um certo nível da configuração cultural do bairro (nível esse dificilmente perceptível do exterior), as pessoas são alvo duma classificação em que se contrapõem dois estereótipos: o dos «da província» e o dos «do bairro». Mas esta dicotomia não recobre linearmente as reais origens geográficas. Antes rotula, precisamente, os grandes tipos de formas de inserção nas relações sociais locais e nas práticas do quotidiano alfamista (em particular, práticas culturais e dimensões culturais das práticas, como os «estilos» de comportamento). É notório, por exemplo, como já se disse atrás, que muitos dos migrantes rapidamente se encaixam na imagem dos «competentemente urbanos». Por outro lado, as situações empiricamente verificáveis são normalmente formas mistas, combinações de estratégias e de procedimentos, com dominâncias de componentes dum ou doutro tipo. Por último, na trajectória dos migrantes (e nas trajectórias plurigeracionais) podem suceder-se, e mesmo alternar-se, os tipos de inserção e a dominância das orientações estratégicas.

Os exemplos são os mais variados. É fácil encontrar casos de três gerações (ou mesmo quatro) onde um elemento da primeira veio trabalhar para Lisboa como guarda prisional, estivador, empregado do comércio, taberneiro, merceeiro, pequeno comerciante (ou industrial-comerciante) de sacaria, vestuário, calçado, ferro-velho, estabelecido ou ambulante, funcio-

---

<sup>20</sup> Expressão utilizada por Daniel Bertaux para se referir aos processos de distribuição «dos seres humanos pelos níveis e lugares definidos pela estrutura de classe» (Daniel Bertaux, *Destins Personnels et Structure de Classe*, Paris, PUF, 1977, p. 47).

nário, etc. Com mais ou menos sucesso económico e cultural e com maior ou menor mobilidade profissional, casou-se, muitas vezes com uma mulher da terra, que ora lá ficou, ora acabou por vir também para Lisboa.

Quer através da mulher que permaneceu na aldeia, quer de irmãos ou outros parentes, manteve uma ligação com a terra e uma complementação dos recursos obtidos em meio urbano com os obtidos em meio rural. Eventualmente comprou mais terras; mas é quase certo que começou a remodelar a casa ou a construir uma nova. Finalmente, o homem reformado (ou o casal) voltou à terra, em permanência ou por períodos prolongados.

As mulheres migrantes vieram na senda de pais ou irmãos ou outros familiares e conterrâneos, ou vieram casar-se, ou casadas, com um homem da terra. Vieram fazer serviços de limpeza, trabalhar ao domicílio na costura, desenvolver actividades permanentes ou eventuais no comércio (como empregadas ou no agregado doméstico pequeno-comerciante ou artesão), empregar-se numa repartição, num supermercado, numa loja. Ou então ficaram exclusivamente em casa, a cuidar do homem, dos filhos e dos parentes.

Os filhos cresceram em Alfama, ou então, no caso de o casal estar dividido entre o campo e a cidade, só a partir de certa altura se transferiram para esta última. Têm tendencialmente uma maior escolaridade. Empregaram-se no bairro ou noutra área de Lisboa. Prolongaram algumas das profissões dos pais, nomeadamente no caso do pequeno comércio e da estiva, mas a tendência é para ocuparem lugares nos despachantes, nos transitários, na Alfândega, no funcionalismo, nos serviços e no comércio, em situações mais qualificadas. Vão à terra, onde eles próprios ou os pais nasceram, com bastante frequência: duas ou três vezes por ano é bastante vulgar. Outros fazem-no muitas mais vezes. São membros das «comissões de melhoramentos» e das «comissões de festas» das aldeias. Participam na remodelação da casa dos pais, reconstróem uma outra casa comprada a um familiar ou conterrâneo, constroem uma casa nova. E participam interessadamente nas estratégias de conservação e valorização patrimonial das terras, nas decisões quanto a compra, venda, cedência provisória a parentes, eventual substituição da utilização agrícola ou florestal dessas terras, gestão dos pinhais, etc. É considerável a influência que têm sobre as autarquias locais, as quais, por vezes, procuram neles apoios financeiros e mobilização de influências.

A terceira ou quarta gerações, já nascidas habitualmente em Lisboa, participam deste vaivém entre Alfama, dum lado, aldeias e vilas do outro, passam lá as férias do Verão e outros períodos e é nelas bem claro o desenvolvimento duma dupla identidade referida ao urbano e ao rural, onde jogam componentes quer de identificação afectiva e cultural (muitas vezes já reinterpretados em termos dum discurso conceptualizadamente ecologista, regionalista, etc.), quer de estratégias de interesses.

Sem alongar muito mais esta breve exemplificação de situações, é possível inventariar casos de estivadores, funcionários, comerciantes ou artesãos que, às vezes após quarenta anos ou mais de residência e actividade profissional principais sediadas em Lisboa, se retiram para a nova casa (ou casa renovada), cultivam a terra, por vezes mesmo com rendimentos superiores aos que lhes são necessários para a subsistência imediata, recebem as suas pensões de reforma, deslocam-se em visita eventual aos filhos e netos em Lisboa, enviam-lhes produtos agrícolas, recebem-nos nas deslocações à terra, preparam-lhes habitações.

Outros têm uma passagem menos bem sucedida pela capital e regressam mais cedo à terra, onde recomeçam a vida, agora com uma rede alargada de relações em meio urbano, eventualmente com um ou outro filho a residir na casa dum parente, conterrâneo ou amigo instalado na cidade, a partir donde vai à escola e procura emprego.

Muitas das aldeias e vilas da cordilheira Central têm já uma fracção importante das casas reconstruída ou mesmo uma boa quantidade de casas novas. E, nos casos em que este tipo de migração interna predomina, os estilos arquitectónicos são mais sóbrios do que os praticados pelos emigrantes. Esta reconstrução e construção nova são particularmente nítidas a partir da década de 70, havendo aldeias inteiras completamente refeitas. Outras estão-no apenas parcialmente. E os efeitos, quer dos sucessos económicos diferenciais, quer do diferente capital cultural adquirido, manifestam-se claramente na variedade de dimensões, materiais e estilos das casas construídas ou renovadas.

Nesta região da cordilheira Central — donde o fluxo migratório para Alfama é predominante e onde fiz já algum trabalho de terreno —, a manutenção da ligação dos migrantes à terra de origem assume pois as mais variadas formas, encontra diversos tipos de suporte e adquire diferentes graus de intensidade. É possível inventariar desde a simples visita à terra e à casa dos pais, tios, avós (ou simplesmente à casa própria) nas vindimas, no Natal, na Páscoa e, em especial, no Verão, passando pela viagem quinzenal, donde se trazem abastecimentos em géneros para a arca frigorífica, até ao caso espantoso duma aldeia inteira, na serra da Lousã, em que os homens, estivadores, fretam todas as semanas uma camioneta que à segunda-feira os traz para Lisboa e à sexta-feira os leva para a aldeia, onde os outros elementos da família, ou alguns deles, permanecem.

Casos como este e, em geral, o reforço da frequência dos contactos entre a cidade e a aldeia começaram a dar-se sobretudo na última década. Neles tiveram papel decisivo um maior acesso ao automóvel particular e a proliferação das carreiras de camionagem directas, bem como o alargamento e uma certa modernização da rede rodoviária. Aqui confluem duas séries de efeitos. Por um lado, efeitos de processos sociais, como os que modificaram modelos de consumo, os que originaram a proliferação de pequenas empresas de transporte ou os que redefiniram as capacidades de acção das autarquias, processos esses relacionados quer com dinâmicas económicas e culturais que remontam aos anos 60, quer com as transformações nos quadros político-institucionais e das actividades económicas ocorridas na sequência do 25 de Abril de 1974. Por outro lado, efeitos das trajectórias sociais dos grupos envolvidos no fluxo migratório para Alfama. Estas trajectórias permitiram, num número significativo de casos, uma certa mobilidade social ascendente ou, no mínimo, um maior desafogo económico. Para isso contribuíram de forma não desprezável, para além dos mecanismos específicos do bairro já assinalados, as melhorias globalmente ocorridas nos níveis de remuneração, a maior estabilidade de emprego e o acréscimo da importância das prestações indirectas (de que um caso com particular importância aqui é o da estiva), bem como a generalização e o aumento do montante das reformas e pensões. E dessas mesmas trajectórias resultou nomeadamente a capacidade de construir ou reconstruir uma casa na aldeia e de investir quer em obras de modernização das estradas e de instalação de equipamento básico, em colaboração com as autarquias locais, quer em actividades culturais, com a consequente revitalização de aldeias envolvidas neste processo.

Fazendo um rápido balanço do que ficou dito, parece poder defender-se a hipótese de estes fluxos migratórios que passam por Alfama, provenientes maioritariamente de zonas delimitadas dos campos portugueses, representarem um conjunto específico de estratégias de reprodução e mobilidade de grupos sociais de origem rural. Este movimento migratório possibilita-lhes uma reconversão profissional e cultural relativamente rápida, bem como uma acumulação de rendimentos em meio urbano susceptíveis, nalguns casos e em graus diversos, de serem reinvestidos material e simbolicamente na região de origem, com o que isso implica também de processos de reprodução e transformação das relações sociais nos espaços rurais.

Ao mesmo tempo, e em sentido inverso, esta «proximidade efectiva», em termos sociais, entre cidade e campo permite que este último funcione (por exemplo nos domínios da economia informal, das redes de poder e das formas culturais) como um componente importante das práticas da vida quotidiana, das estratégias e das trajetórias sociais dos habitantes de Alfama.

Ou seja, no contexto das estruturas e dos processos sociais globais da sociedade portuguesa, um conjunto de grupos sociais desenvolve em grande parte as suas estratégias *jogando em dois tabuleiros*, Alfama e a aldeia. O que lhes permite dotarem-se de mecanismos de sobrevivência, de reconversão e de mobilidade social, mecanismos esses que remetem para uma tripla fuga:

- 1) Fuga a uma fixação nas condições mais degradadas, subordinadas e, de facto, insustentáveis da vida camponesa;
- 2) Fuga a uma nova fixação social no que pareceria o destino mais provável do camponês migrante, o proletariado industrial urbano;
- 3) Fuga ainda aos traumatismos e incertezas da emigração para o estrangeiro<sup>21</sup>.

Este feixe de estratégias é também, na sua forma actual, o resultado do recobrimento de processos com lógicas e enraizamentos temporais distintos, mas intimamente imbricados nos projectos e nas práticas destes grupos sociais. Desses processos fazem parte, como vimos, movimentos migratórios com muitos anos de antiguidade, uma acrescida frequência dos fluxos de vaivém na última década e, mais recentemente, a pressão do agravamento da situação de crise. Se, nesta última conjuntura, se acentuou o recurso a arcas frigoríficas e a meios de transporte moderno como componentes das estratégias destas populações, por sua vez, aqueles meios não teriam sido adquiridos se não se tivessem criado os fundos que minimamente lhes franqueassem o respectivo acesso e não teriam sido investi-

---

<sup>21</sup> As regiões rurais donde partem os principais fluxos migratórios para Alfama foram também pontos de origem de sucessivas vagas de emigração para a América e para a Europa. Apesar de os dois tipos de movimento se sobreporem, verifica-se normalmente uma dominância dos contingentes da migração interna nas aldeias que nela se «especializaram», para o que são decisivos os mecanismos assinalados da migração em cadeia. Uma actualizada análise comparativa dos movimentos de migração e retorno dos emigrantes, dos retornados das ex-colónias e dos migrantes internos encontra-se no artigo de Rogério Roque Amaro «Reestruturas demográficas, económicas e socioculturais em curso na sociedade portuguesa: o caso dos emigrantes regressados» (neste volume da *Análise Social*). Nesse artigo é salientada a importância actual dos movimentos de retorno de Lisboa para as outras regiões do País.

mentos escolhidos se não fosse possível contar com a respectiva rendabilização através da dupla inserção urbano-rural. O que significa que, mesmo neste plano de análise, esta inserção bipolar não pode ser simplesmente qualificada como uma estratégia de retaguarda, orientada exclusivamente para a reprodução «à distância» de força de trabalho urbana incapaz de aí encontrar condições de, elementarmente, se refazer<sup>22</sup>. Em muitos casos tem-se tratado duma efectiva operação de investimento numa estratégia de reconversão social com tendencial sinal ascendente, em termos tanto intra-geracionais como, sobretudo, intergeracionais — sendo ainda demasiado cedo para avaliar com precisão o impacte das recentes conjunturas, economicamente mais difíceis, sobre estas trajectórias sociais. Mas é igualmente verdade que, como foi apontado, outros casos tem havido, e não só nos últimos anos, em que a possibilidade de mobilizar recursos e apoios urbanos e rurais foi condição de estratégias de sobrevivência em situações de *impasse* ou de extrema dificuldade na vida cidadina. Em resumo, o que parece assinalável é a modalidade específica de flexibilidade adquirida por estes grupos sociais através do «xadrez em dois tabuleiros» que Alfama e as aldeias da cordilheira Central constituem e que é mobilizável em estratégias diversificadas que se reorientam conforme o tipo de trajectória, as fases de ciclo de vida e as pressões das sucessivas conjunturas.

Temos estado a dar conta duma série de modalidades de movimento migratório associado a estratégias de reprodução e reconversão social de populações de origem rural, movimento esse que tem vindo a constituir um dos mais importantes vectores dinâmicos de transformação da composição social da população portuguesa. Outras modalidades, para além das que envolvem a emigração, têm sido estudadas nomeadamente por João Ferreira de Almeida, José Madureira Pinto e Manuel Villaverde Cabral, em fenómenos como os da migração pendular ou os da industrialização e urbanização dos campos, envolvendo estratégias de parcial abandono e parcial conservação da actividade agrícola e onde a figura do campesinato parcial e, mais genericamente, a da *pluriactividade individual e familiar* aparecem como de importância central na sociedade portuguesa contemporânea<sup>23</sup>.

Tal como nesses casos, a caracterização dos lugares e trajectórias de classe das populações de Alfama é particularmente complexa. Também aqui não se pode ignorar a dimensão familiar da pertença de classe. No seio do grupo doméstico, e mesmo, em variadas situações, da família alargada, geram-se estratégias inter-relacionadas de reprodução e reconversão social e processam-se trajectórias sociais integradas, ou, pelo menos,

---

<sup>22</sup> Embora essa seja, sem dúvida, uma dimensão a ter em conta. Vejam-se os artigos de João Machado Ferrão «Recomposição social e estruturas regionais de classe (1970-81)» e de Maria João Rodrigues «O mercado de trabalho nos anos 70: das tensões aos metabolismos» (ambos incluídos neste número da *Análise Social*).

<sup>23</sup> Para não alongar as referências, veja-se, de João Ferreira de Almeida, *Classes Sociais nos Campos — Camponeses Parciais Numa Região do Noroeste*, dissertação de doutoramento, ISCTE, Lisboa, 1982; de José Madureira Pinto, *Estruturas Sociais e Práticas Simbólico-Ideológicas nos Campos — Elementos de Teoria e de Pesquisa Empírica*, dissertação de doutoramento, ISCTE, Lisboa, 1981; de Manuel Villaverde Cabral, *Pluriactivité et stratégies paysannes d'abandon de l'agriculture: deux illustrations*, comunicação apresentada à Casa Velázquez, Madrid, 1981, e «A economia subterrânea vem ao de cima: estratégias da população rural perante a industrialização e a urbanização», in *Análise Social*, n.º 76, Lisboa, 1983.

mutuamente dependentes, dos respectivos membros<sup>24</sup>. E, o que é mais, essas estratégias e trajetórias envolvem frequentemente *uma pluriactividade não só urbana, mas também urbano-rural*, em que, tanto simultânea como sequencialmente, se desenham percursos de passagem do campesinato quer para situações de pequena burguesia assalariada, de pequena burguesia tradicional urbana, de subproletariado marginal e de operariado (situações essas que muitas vezes os próprios protagonistas individuais e os agrupamentos familiares preenchem em acumulação ou intermutavelmente, em variadas combinações), quer para um renovado estatuto social na região rural de origem.

Como já atrás assinaei, têm sido detectados processos e situações semelhantes noutros países da Europa do Sul. Por exemplo, no artigo citado de Hans Buechler sobre Espanha diz-se elucidativamente:

Há redes sociais subjacentes ao fenómeno chamado migração em cadeia, pelo qual os migrantes seguem o caminho de migrantes anteriores, originando na cidade concentrações de migrantes do mesmo lugar de origem. Tais redes facilitam a deslocação inicial para a cidade, bem como a obtenção de alojamentos e emprego. Geralmente, tornam a vida sob condições adversas na cidade mais suportável, no que não tem pequena importância o provimento de bases para um contacto continuado com o lugar de origem<sup>25</sup>.

E o autor acrescenta bom número de informações sobre os laços de parentesco e as ligações rurais-urbanas em Espanha, afirmando que «estas últimas envolvem inevitavelmente alguma comutação entre a nova residência urbana e a comunidade rural de origem»<sup>26</sup>. Pode também citar-se André Simic a propósito do «papel saliente do parentesco, quer como um mecanismo integrativo ao nível pessoal, quer como um laço unindo sectores rurais e urbanos da sociedade»<sup>27</sup> jugoslava, ou Susan Buck Sutton, na análise que empreende «dos primeiros passos que os migrantes dão para estabelecer um lugar para eles próprios na cidade, dos processos do respectivo estabelecimento nela a longo prazo e das suas relações continuadas com as áreas rurais de origem»<sup>28</sup> na Grécia. Ou ainda as referências de William A. Douglass, a propósito da Itália, ao «agrupamento de migrantes em certos sectores ocupacionais»<sup>29</sup> de Roma, onde se destacam a burocracia, os serviços, o trabalho por conta própria com um táxi ou um restaurante, acrescentando o autor que «por vezes, no entanto, o nicho ocupacional é consideravelmente mais circunscrito, de tal forma que as pessoas duma simples aldeia ou circunscrição podem monopolizá-lo e aí permanecer»<sup>30</sup>.

Douglass chama também a atenção para o facto de, em Itália, a importância recente dos grandes fluxos migratórios para o estrangeiro e para as cidades tender a fazer esquecer que as estratégias migratórias no território

---

<sup>24</sup> Vejam-se, a este propósito, os dados e comentários sobre a particular incidência percentual da população activa feminina nos concelhos da cordilheira Central apresentados por João Machado Ferrão, *op. cit.*, em particular as figs. 5 e 6.

<sup>25</sup> Hans Buechler, *op. cit.*, pp. 135-136.

<sup>26</sup> *Id.*, *ibid.*, p. 136.

<sup>27</sup> Andrei Simic, *op. cit.*, p. 203.

<sup>28</sup> Susan Buck Sutton, *op. cit.*, p. 227.

<sup>29</sup> William A. Douglass, *op. cit.*, p. 187.

<sup>30</sup> *Id. ibid.*, p. 188.

italiano são muito antigas, que a migração para as cidades (tal como a emigração) não é um fenómeno unidireccional e que, apesar de a península abrigar ainda hoje um dos campesinatos mais tradicionais da Europa e da ênfase posta, em muitos estudos, «na natureza fechada e atrasada da sociedade rural italiana e no carácter recente das mudanças nela operadas»<sup>31</sup>, apesar disso, «a Itália (com possível excepção do Tirol) está impregnada por uma mentalidade urbana»<sup>32</sup>. E acrescenta:

O facto de existir uma discernível mentalidade urbana na sociedade e na cultura italiana, incluindo o seu sector rural, é em si próprio um dado importante para a consideração da história migratória da península. Conquanto seja possível descrever a Itália urbana e a Itália rural como mundos à parte, há também um sentido em que o camponês italiano é possivelmente menos avesso à perspectiva de deslocar-se para uma cidade do que os seus equivalentes noutras sociedades camponesas<sup>33</sup>.

Estas referências comparativas podem ser complementadas com algumas notas de conceptualização retiradas de variados quadrantes teóricos.

Num célebre ensaio sobre as «pequenas comunidades», Robert Redfield, apesar de insistir nas características de delimitação nítida, pequena dimensão, homogeneidade e auto-suficiência<sup>34</sup> dessas comunidades, não deixa de dedicar um capítulo inteiro ao facto de, mesmo essas, serem «comunidades dentro de comunidades», «um todo dentro doutros todos». Aí apresenta quatro exemplos, resumidos graficamente numa figura que aqui reproduzimos e que são os seguintes. Em primeiro lugar, o bando isolado de

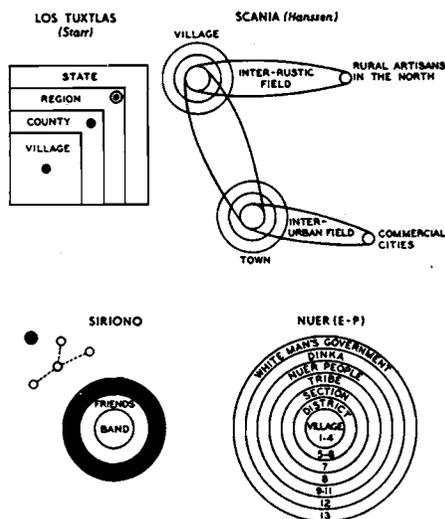


Figura reproduzida de Robert Redfield, «The Little Community», in *The Little Community and Peasant Society and Culture*, Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 1960, p. 117

31 William A. Douglass, *op. cit.*, p. 169.

32 *Id. ibid.*, p. 170.

33 *Id. ibid.*, p. 170.

34 Robert Redfield, «The Little Community», in *The Little Community and Peasant Society and Culture*, Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 1960.

índios caçadores da Bolívia, os Sirionos, estudados por Holmberg. Como se vê pela figura, é o caso mais simples, representável por um sistema de poucos círculos concêntricos. A descrição dos Nuer por Evans-Pritchard é feita através de treze círculos concêntricos que Redfield simplifica da maneira graficamente apresentada. Uma forma conceptual aplicável a uma estrutura rural-urbana é a que Redfield encontra em Betty Starr, no estudo dos Tuxtlas, do México:

A Dr.<sup>a</sup> Starr descreve o aldeão mexicano como relacionado não só com a sua aldeia e as suas subcomunidades componentes, mas também com várias comunidades fora dela, com sucessivos graus de distanciamento<sup>35</sup>.

E acrescenta Redfield que a autora pensa aquelas entidades sociais sucessivas «como uma série de comunidades, cada uma das quais caracterizada por um centro nuclear com uma área rural periférica dependente»<sup>36</sup>. No entanto, para Robert Redfield, este tipo de análise ainda está limitado pelo facto de «representar o sistema de comunidades do ponto de vista do aldeão e não tomar integralmente em conta as linhas e os padrões da interacção persistente entre aldeão e cidadão, cidadão e aldeão»<sup>37</sup>. É aos estudos de Börje Hanssen, na Escandinávia, que ele vai buscar o modelo que lhe parece mais adequado:

A descrição da região rural-urbana é assim feita dum ponto de vista que é equitativo tanto para a cidade como para o campo e que vê o todo como campos de actividade inter-relacionados<sup>38</sup>.

Como curiosidade, é o próprio Hanssen que, numa passagem citada por Redfield, refere que «certos grupos na cidade desta área tinham conexões muito mais íntimas com as populações dos campos envolventes do que uns com os outros»<sup>39</sup>.

Maria Isaura Pereira de Queirós afirma que «o campo nunca pode ser compreendido por si mesmo, pois, se ele existe, é porque existe a cidade — e vice-versa; a cidade pertence ao universo do campo, como o campo pertence ao universo da cidade», juntando que «campo e cidade só podem ser compreendidos no interior da sua sociedade global»<sup>40</sup>. No mesmo artigo inventaria na história do Brasil situações de «complementaridade», «impli- cação mútua», «ambiguidade», «polarização» e «reciprocidade» entre cida- des e campos (seguindo uma tipologia de Gurvitch para os processos dialécticos). Na opinião de Pereira de Queirós, «existem três tipos pri- mordiais de sociedades globais no que toca ao rural e ao urbano»<sup>41</sup>, que são: «1.º) sociedades internamente indiferenciadas no que diz respeito ao rural e ao urbano, constituídas pelas sociedades tribais; 2.º) sociedades interna-

---

35 Robert Redfield, «The Little Community», *cit.*, p. 122.

36 *Id.*, *ibid.*, p. 123.

37 *Id.*, *ibid.*, p. 125.

38 *Id.*, *ibid.*, p. 126.

39 *Id.*, *ibid.*, p. 126.

40 Maria Isaura Pereira de Queirós, «Dialéctica do rural e do urbano: exemplos brasi- leiros», in *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil*, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora, S. A., 1978.

41 *Id.*, *ibid.*, pp. 267-268.

mente diferenciadas entre meio rural e meio urbano, nas quais o meio rural é o produtor principal de riqueza e a que chamamos sociedades agrárias; 3.º) sociedades internamente diferenciadas em meio rural e meio urbano, nas quais o meio urbano, através da industrialização, é o principal produtor de riqueza e a que chamamos sociedades industriais. Nestas duas últimas formas de sociedades globais, a posição respectiva de grupos urbanos e de grupos rurais é diferente»<sup>42</sup>. Realçando embora os efeitos da industrialização na alteração profunda das relações entre os campos e as cidades e o enorme crescimento destas, não deixa a autora de notar que, «no entanto, os surtos de urbanização na Europa e na Ásia se efectuaram em passado mais remoto, sem apoio duma industrialização prévia»<sup>43</sup>.

Num outro registo, Julio Caro Baroja, num saboroso artigo em que analisa os milenares estereótipos mediterrânicos sobre as «virtudes» camponesas contrapostas aos «vícios» citadinos (*urbanitas, rusticitas*), tão antigos como a antiguidade clássica, diz o seguinte:

(...) parto pois da ideia de que, desde então pelo menos, os homens do Mediterrâneo tiveram uma forma de vida essencial que é a vida «urbana», a qual se contrapõe à vida «rústica», ainda que, na realidade, uma e outra se complementem<sup>44</sup>.

E diz ainda:

(...) num plano de estudos acerca da estrutura social dos povos do Mediterrâneo, julgo que é imprescindível incluir averiguações extensas sobre o papel que desempenha a cidade na vida de todos eles<sup>45</sup>.

Sobre a área mediterrânica pode ainda citar-se John Davis quando afirma:

Mas, no conjunto, o estudo das ligações entre as populações rurais e urbanas não tem sido seriamente realizado e há muito poucos estudos de cidades — mesmo apesar de as cidades irem buscar as suas populações ao campo, mesmo apesar de qualquer mediterrânico fazer uma referência obrigatória ao facto de as sociedades camponesas serem sociedades parciais, encapsuladas em Estados nacionais<sup>46</sup>.

Penso que as características dos processos sociais, trajetórias e estratégias que tenho vindo a estudar a partir de Alfama, em conjunto com os materiais comparativos de situações contemporâneas semelhantes da Europa do Sul e com as linhas de conceptualização de que acabo de respigar alguns exemplos, conduzem a considerar como pertinente focalizar a análise dum conjunto extremamente importante de aspectos da estrutura e das dinâmicas da sociedade portuguesa como ocorrendo num espaço

---

<sup>42</sup> Id., *ibid.*, p. 268.

<sup>43</sup> Id., *ibid.*, p. 283.

<sup>44</sup> Julio Caro Baroja, *La Ciudad y el Campo*, Madrid, Barcelona, Ediciones Alfaguara, 1966, p. 7.

<sup>45</sup> Julio Caro Baroja, «La ciudad y el campo o una discusión sobre viejos lugares comunes», in *La Ciudad y el Campo*, cit., pp. 11-12.

<sup>46</sup> John Davis, *People of Mediterranean — An Essay in Comparative Social Anthropology*, Londres, Routledge & Kegan Paul, 1977, p. 8.

*urbano-rural*, à partida considerado como um todo estruturado, embora internamente diferenciado e contraditório. Nele se pode com vantagem analisar tanto a lógica de processos que dinamizam a estrutura das relações sociais, processos complexos de reprodução e mudança, como, num outro plano, mas articuladamente, a lógica das estratégias de reprodução e reconversão dos protagonistas individuais e colectivos. Protagonistas esses que, nas modalidades verificadas a propósito de Alfama e da cordilheira Central (mas, provavelmente, em muitos outros casos e de muitas outras maneiras), *jogam, nesse espaço urbano-rural, um xadrez em dois tabuleiros.*